

# RESENHA BIBLIOGRÁFICA (\*)

D'AZEVEDO (Adelino José da Silva). — *Este Nome: Brazil — estudo e ensaio sobre uma restituição etimológica*. Lisboa, 1967. Agência Geral do Ultramar. VIII + 474 p.; 22 estampas.

Um livro de pouco menos de 500 páginas que, segundo o próprio autor poderia, simplesmente, intitular-se: “Estudo e ensaio de uma restituição etimológica” e que demandou nada menos de vinte anos de pesquisas, como refere na “Advertência”.

Ao final, por aquela “restituição etimológica” o Professor Azevedo prova, à saciedade, que a “grafia correta e científica” do nome da Terra descoberta por Cabra é *Brazil*.

Convenhamos que a lição que ao cabo da leitura do livro se colhe não é, apenas, o que seria já bastante, a da correção dum nome que por aí anda errado e “estampado em selos ou notas de banco”; é também a do esforço que o autor à pesquisa dedicou, ao ir para lá, muito para lá, dos tempos em que os filólogos julgaram vêr a origem da palavra que sopunham derivar do “*Bras*” germânico, sem se lembrarem que ao tempo dos germanos já uma longa tradição cultural havia concluído o seu ciclo de gestação; ou dos que fundamentaram, mais por côres que por substância a origem tupi ou árabe do vocábulo em questão.

E é tanto mais de admirar êste esforço quanto mais sentimos, nos dias de hoje, que o recurso às generalidades e vulgaridades; “às soluções fáceis” ou aos “estudos pela rama” são lugares comuns a que autores, mesmo de certo prestígio e responsabilidade, não conseguem furtar-se, tantas vêzes.

Uma lacuna faltava preencher para que, desde as mais remotas referências, um têrmo e seu correspondente conceito pudesse achar-se e aclarar-se nas suas origens; às interpretações anteriores faltava o “visu histórico” a que uns tantos autores e tratadistas não souberam atender ou não souberam lobrigar.

Foi a preencher essa lacuna que o presente trabalho se desenvolveu.

Não bastou ao autor que os filólogos, concluindo pela semelhança de “*Brazil*” e “*Brasa*” (semelhança que o autor talvez discuta) fundamentassem o étimo no germânico a dar como forma um vocábulo que resultou errado na grafia.

Foi mais longe; muito mais longe.

Deu conta e trabalhou para prová-lo, que o vocábulo, a expressar um conceito, vem de tempos anteriores à História do Ocidente; que já tinha tradições na proto-história; que andou vulgarizado nas antiqüíssimas caravanas que mercadejavam e levavam os mercadores a tôdas as latitudes ecumênicas, quando os comerciantes do tempo buscavam numas partes os produtos que distribuíam nas outras, fôsse no Ocidente ou no Oriente europeu; nas margens do Mediterrâneo ou nas costas dos mares do Norte.

Aí e a êsses tempos proto-históricos estava a origem antecedendo de muitos séculos a pretensa “radice” germânica.

---

(\*) . — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

A prova é uma longa caminhada e que faria desistir os menos afeitos que não se atreveriam a remar pelos tempos afora em busca de um vocábulo, na sua origem.

Mas é aqui que se patenteia a fibra do autor; munido de uma bagagem de erudição que nos estarræce, empreendeu a marcha a passos firmes.

20 anos de pesquisas; de apurações; de verbetes; de confrontos; de buscas minuciosas e exaustivas foram necessários. Mas com a mesma segurança com que empreendera a caminhada nos traz os resultados de volta.

“*Brazil*” a designar “tom avermelhado”, “tinta vermelha” e “matéria prima” de que se extrai é o último estágio de um vocábulo que andou ininterruptamente da Grécia ao Atlântico e que teve sua raiz comum para *κίνναβαρ Cinnabar, Cinábrio, Zinhavre, Zinnober, Barcino, Bracino, Varzino, Verzino*, colimando em *Brazil* (pág. 183).

Desprezando as “soluções fáceis” que comportam todos os perigos — como o próprio autor refere no cap. 15 — recorre ao único meio que deveremos dizer método, para solucionar a questão; o próprio volume publicado, que resultou tamanho, é uma resultante da investigação e a prova de que as “facilidades” não o seduziram na busca dum nome para sua grafia correta.

Desde o *κίνναβαρ* grego houve que perscrutar tôdas as formas; derivações; divergências e afinidades em várias línguas e diversos dialetos.

E os fenômenos que correspondem a cada uma dessas derivações, divergências, ou alterações não são simplesmente citados, mas abundantemente exemplificados, desde as situações mais claras às mais sutis: matéria de estudo e meditação para os especialistas oferecida graças ao labor árduo e probo de um especialista.

Não o somos nós e nem estaríamos em condições de comentar em breve resenha, sequer a disposição coerente que o autor deu à matéria no substancioso discurso que nos deixou; nem o valor intrínseco de cada “premissa” no caminho para a conclusão, mesmo que freqüentemente lidemos com “inferências”.

Bem cuida o autor que nem é de fácil mutação um “êrro já calejado”, oriundo dum apressado escamoteamento do “Z” para inculcarem a tatuagem do “S”, quando alguns autores arengaram uma fantasiosa justificativa numa interferência pseudo-científica (pág. 409).

Mas em Língua Portuguesa não há mais alternativa: *Brazil* deve grafar-se com “Z” como conclui o autor.

Essa grafia é sancionada pela História; justificada pela Ciência e reclamada pelo bom-senso, segundo as próprias palavras do Prof. Silva D’Azevedo (pág. 411).

Ao final o volume é valorizado com gravuras, muitas a concorrer para uma “geografia do nome”, salvo melhor expressão; há também uma bibliografia em ordem alfabética “por autores, fontes impressas, manuscritas ou cartográficas” e não se esqueceu o autor de um “índice onomástico, toponomástico e ideográfico”, além de um índice geral.

O volume pode ser pedido para: — *Agência Geral do Ultramar* — Lisboa.

JOSÉ A. V. VALENTE

\*

\*

\*

BONNET (Bernardine Melchior) — *Dictionnaire de la Révolution et de l'Empire*.  
*Les dictionnaires de l'homme de XXe Siècle*. Librairie Larousse. Paris,  
1965, 320 páginas, formato 0,12 x 0.175, 86 ilustrações.

No *Avertissement* mostra-nos o autor:

"Não existe sem dúvida na História da França, ou mesmo no do mundo, um período tão borbulhante de idéias, mais não de profundas transformações e acontecimentos políticos vários que o quarto de século que se escoou de 1789 à 1815. Um regime termina, uma nova França — si não um novo mundo — vai nascer. Parece-nos interessante reunir num pequeno volume o essencial do que servir à consciência daquela época decisiva, não dentro de uma ordem cronológica — como é apresentada na maioria dos manuais — mas sob a forma dum dicionário. Este dicionário se destina não somente aos estudantes e a seus mestres (os quais são aqueles que, não obstante ter um profundo conhecimento de história, tem frequentemente a necessidade de recorrer à memória, um fato ou achar um detalhe ignorado?) mais também e sobretudo um *honnête homme*, isto é, este que deseja aperfeiçoar sua cultura histórica, deseja encontrar rapidamente qualquer informação sobre a vida dum personagem célebre, conhecer as causas ou as conseqüências dum acontecimento ou mais simplesmente se recordar do desenrolar duma batalha ou duma *journée révolutionnaire*".

Somos naturalmente forçados a expor todos os grandes fatos da vida política, social, econômica, militar, diplomática da França da Revolução e do Império, sem esquecer o lado intelectual e artístico e de limpar o retrato daqueles que se ilustraram durante aquêl período.

Evidentemente tudo não podia ser tratado neste pequeno volume. Durante êsses anos de 1789-1815, as transformações, as reformas, as disputas partidárias, as rebeliões, os golpes de Estado, as conspirações, os conflitos foram muitos numerosos que seria impossível narrar com detalhes; idênticamente, um grande número de protagonistas estava presente no cenário francês para serem nomeados todos individualmente que surgiram na vida política. Foi escolhido na imensa documentação revolucionária e imperial, uma parcela estritamente limitada. Essa escolha frequentemente dá lugar a dúvidas. Convinha deixar na sombra tal soldado das grandes guerras contra a Europa em proveito de um reformador mais ou menos obscuro? Convinha negligenciar a *petite histoire* em proveito da grande? Vamos tentar estabelecer um perfeito equilíbrio entre as idéias e os fatos, entre os acontecimentos de importância capital e os detalhes pitorescos.

Em matéria de política estrangeira, pensamos que seria útil resumir a história de certos grandes países vizinhos da França durante a época que nos interessa: Inglaterra, Prússia, Áustria, etc. E' inútil precisar que nos não estudaremos estas autoridades senão em função de seus *rappports* com a França, o resto de sua própria história não fizeram parte de nosso objetivo. Da mesma forma, as biografias se detiveram em princípio, em 1815.

Vemos pelo *Avertissement* que se trata de um trabalho bastante informativo, e didático, capaz de informar ao estudante e lembrar ao professor um pequeno detalhe que havia ficado esquecido, que entretanto pode facilitar a percepção do instrumento.

*Dictionnaire de la Révolution et de l'Empire*, coloca ao alcance de uma grande parcela do público, mais que um manual especializado, uma obra de fácil manuseio e compreensão.

A obra nos dá, não simples biografias elogiosas de vultos da história da França, porém, análises de perfis, mostrando suas tendências, suas idéias e até mesmo seus lados negativos.

Enfim, põe-nos ao alcance uma obra que nos faz meditar e estabelecer ligações entre êstes dois importantes capítulos da História.

JOSUÉ CALLANDER DOS REIS

\*

\* \*

GODINHO (Vitorino Magalhães). — *Ensaio I* ("Sôbre História Universal"), Lisboa, Sá da Costa, 1968, 289 pp.

O historiador Magalhães Godinho estêve em São Paulo, no ano de 1954, como professor visitante da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Filiado ao grupo dos *Annales*, suas obras qualificam-no para assumir o primeiro posto na historiografia portuguesa contemporânea.

O seu presente trabalho é o primeiro de uma série a que intitulou *Ensaio*, uma coletânea de "dispersos que balisam inquietações, indagações e fainas de um quarto de século", e abrange os mais diversos setores da história. Tem o Autor consciência das responsabilidades dessa "terrível" palavra, que exige tôda uma atitude lúcida, de caráter polêmico, rejeitando dogmatismos, pronta para aceitar êrros e corrigi-los. Sua obra é uma tentativa para se aproximar da verdade e ao mesmo tempo um combate para que haja uma mudança de mentalidade em Portugal, "varrendo os diabólicos teóricos" e "procurando colocar uma problemática nova, em vez de ficarmos prisioneiros de quadros já forjados".

No primeiro ensaio, traça o Autor as linhas fundamentais da agricultura desde a época mais remota até o século XIX, mostrando uma mudança radical a que chama "revolução neolítica", no momento em que o homem, da destruição de elementos naturais passa a ser produtor, modificando o ambiente em que vive. Vai mais longe o Autor quando diz que é a passagem da economia de recoleção para a de produção (agricultura e pastoreio) que lança o camponês numa civilização de mudança.

No ensaio seguinte, procura delinear a evolução social do Antigo Império Egípcio, da centralização à oligarquia (3197-2423 a. C.), fazendo uma análise do poder real, organização pública, finanças, economia, sociedade, por períodos: tinita, época das grandes pirâmides, a dos templos solares. Indica o Autor, ainda, a existência de uma estrutura senhorial em gestação que ia dividindo o Egito em principados feudais, ocasionando pressão social e regressão econômica.

No ítem que se segue, aborda a crise de Roma no século III, onde ela entra em decadência a partir de uma crise econômica que por sua vez seria o resultado de uma crise política e militar.

O professor Godinho se preocupa particularmente com os momentos de mudança, com as épocas revolucionárias e, para chegar a isso, faz tôda uma digressão histórica, provando o sentido da transformação.

A técnica ocupa lugar destacado em sua análise como instrumento modificador das condições da vida humana, o mesmo acontecendo com a estrutura social, uma

espécie de cronômetro onde se pode medir a evolução das civilizações. Um exemplo é o seu capítulo sobre a tração animal e o cavalo de sela, no qual faz uma relação entre técnica e evolução social.

A seguir, traça o contorno das viagens, principalmente portuguesas, que fazem a Ásia surgir "inteira aos olhos da Europa" (pg. 103), sob a perspectiva do caravaneiro e do navegador.

Em seguida, dá-nos notícias sobre o Oceano Índico, seu descobrimento, rotas, navios, sua localização estratégica como fator de integração no horizonte dos navegadores e nas rotas comerciais.

A consideração seguinte refere-se à passagem da geografia *mítica* para as explorações *reais*. Mostra o Autor que as viagens só foram possíveis graças aos conhecimentos náuticos que se desenvolvem rapidamente, e à amplitude cada vez maior da área conhecida e explorada. Dá-se o que o professor Godinho chama "revolução" no que diz respeito à navegação oceânica e à náutica astronômica, levando-se em conta que os meios comerciais estão interessados no lado prático da atividade científica; forma-se uma literatura de viagens e o florescimento de livros matemáticos e algébricos. A preocupação pela geografia por parte do Autor não é ocasional: o seu estudo reflete toda uma mentalidade a se considerar. Antes, a investigação era praticamente inexistente; depois, com os conhecimentos adquiridos, o homem passa a observar o que acontece ao seu redor. Enfim, estabelece-se uma atitude científica.

O professor Godinho faz uma incursão na antropologia, e sua atenção se volta para os guanchos que habitavam as Canárias.

Nessa altura, o Autor se detem nas origens da náutica astronômica e faz um histórico das viagens oceânicas.

Outro tema abordado diz respeito às especiarias, ou seja, os produtos-chave na formação da economia mercantilista: em que se constituem, áreas de produção, geografia de circulação. A partir daí, coloca o problema do interesse português na rota direta para os mercados de especiarias.

Fazendo parte desse mesmo problema, mas sendo alvo de outro capítulo, o Levante e a rota do Cabo constituem os elementos pelos quais o Autor prova que o alargamento de objetivos portugueses não se deve à concorrência italiana e muito menos à progressão turca no Levante (esse assunto é abordado com maior profundidade pelo Autor em seu livro *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*).

A partir daí, o professor Godinho se detem na análise do processo e se preocupa na precisão de conceitos sobre burguesia e capitalismo, parte mais importante do livro pela sua maneira de ver o problema. Burguesia: o que é, interesses, sua contraposição à classe senhorial, formação, localização desde Roma até nossos dias, passando pela Idade Média, século XII, Revolução Industrial e Revolução Francesa. Cita três períodos na história da burguesia e chama nossa atenção sobre dois pontos, a saber: o termo *burguesias* e não burguesa, derivando daí uma pluralidade histórica, e sobre as três concepções (classe superior, classe média e burguesia propriamente dita com consciência de classe). Capitalismo: conceito, exigências. Acha importante a distinção entre capitalismo e manifestações incompletas do fenômeno. Preocupa-se em mostrar a existência de uma civilização capitalista que se opõe à socialista e também os caminhos paralelos entre capitalismo e burguesia. Essa análise de conceitos é de particular importância, pois dela deriva a atitude do Autor face aos acontecimentos que se lhe apresentam.

O último capítulo do livro é dedicado às Américas, sendo apresentado em três temas: açúcar das Antilhas e o comentário à tese de Alice Canabrava; o trabalho no México e considerações à obra de Astrogildo de Melo; o comércio inglês na América Espanhola, baseado também na tese de Olga Pantaleão.

No que se pode considerar sobre a orientação geral do trabalho, apresenta êle uma abertura bibliográfica excelente, derivando daí uma interpretação ampla e inteligente. Toma o Autor como alvo de seus estudos temas controvertidos, procurando não esgotar o assunto, sendo fiel à sua proposição inicial. Tal atitude científica pretende ser somente um trampolim para novas inquietações pois “o já feito não deve passar de momento num incessante fazer”.

DENISE MANZI

\* \* \*

RODRIGUES (José Albertino R.). — *Travail et société urbaine au Portugal dans la seconde moitié du XVIIe siècle* (Tese de doutoramento apresentada à Faculté des Lettres et Sciences Humaines (Sorbonne) da Universidade de Paris.

Pode-se classificar êste estudo como de sociologia regressiva (ou história sociológica) e história quantitativa, num esforço de reconstituição do mundo do trabalho das cidades portuguesas, nos momentos críticos do ponto de vista conjuntural e estrutural.

O *approach* da estrutura urbana foi feito a partir do estudo da morfologia social, analisando o Autor a composição e as mudanças da força de trabalho. Assim pôde mostrar como se manifestavam seus movimentos endógenos (o êxodo rural) e os exógenos (a questão judaica e a implantação da escravidão). Para completar a análise, o Autor estuda a organização do trabalho para chegar a uma tipologia sócio-econômica dos ofícios mecânicos, visando à caracterização das relações de trabalho numa sociedade em vias de modernização. Pode-se, pois, perceber uma tendência para a bipolarização do sistema social português. No nível da sociedade global tratava-se de uma dicotomia da pirâmide social (antiga aristocracia rural e a nova burguesia urbana de um lado e as classes populares de outro). No nível do mundo do trabalho, tratava-se de uma simplificação da hierarquia dos ofícios mecânicos onde o mestre estava prestes a se tornar patrão, enquanto a expansão do trabalho assalariado permitia já a identificação de uma categoria profissional (dos obreiros) como embrião do proletariado moderno. O Autor re-toma êsse quadro, estudando a repartição da população ativa na cidade. Primeiramente na ecologia social de Lisboa que apresenta vários bairros identificáveis pela atividade dos seus moradores e pelas funções urbanas. Em segundo lugar, o estudo dos diferentes grupos profissionais permite mostrar a complexidade da divisão do trabalho que o sistema corporativo rígido não era mais capaz de refletir. Em terceiro lugar, o estudo da distribuição dos rendimentos médios (*fazendas*) pelas diferentes categorias profissionais permite ver como a pirâmide social se reflete numa pirâmide de rendimentos, ao mesmo tempo que retrata certos movimentos que ultrapassam os quadros aparentemente rígidos da própria estrutura social.

Para a realização desse estudo o Autor utilizou dois tipos de fontes. O primeiro são os regimentos dos officios mecânicos postos em vigor desde o fim do século XV e consolidados em 1572. A utilização desses regimentos foi feita em confronto com outros registros da época para ver qual a realidade que se poderia apreender desses estatutos. O segundo tipo de fontes são as estatísticas profissionais. As principais são a que se encontram no *Livro de Lançamento e Serviço* de 1565, que se pode considerar como um dos recenseamentos mais importantes de que se dispõe para uma cidade da Europa, a de Lisboa do século XVI. Foram utilizadas outras fontes estatísticas muito importantes para a mesma época, seja para Lisboa, seja para Coimbra, objetivando-se comparações e críticas.

O estudo da estrutura social de Portugal, considerando-se o trabalho como ponto de partida, sua organização, sua divisão, é relevante por duas razões principais: de um lado a historiografia portuguesa se preocupou sobretudo com manifestações exteriores do país na época dos descobrimentos; de outro, o interior do país e, principalmente, o mundo do trabalho ficaram praticamente desconhecidos, devido ao preconceito contra o trabalho manual que esta historiografia inconscientemente incorporou.

A originalidade do tema e a conjugação de métodos de análise histórica e sociológica dão à obra impressionante vitalidade, aliando sincronia e diacronia, com preciosas informações para os estudiosos das diferentes ciências sociais.

ADA NATAL RODRIGUES

\* \* \*

GALLE (Hubert). — *La "famine du coton". Effets de la Guerre de Sécession sur l'industrie cotonnière gantoise (1861-1865)*. Centre d'Histoire économique et sociale. Université Libre de Bruxelles. Institut de Sociologie. Parc Léopold. Bruxelles, 4.

Numerosas crises industriais chamaram a atenção dos historiadores. Bem poucas, entretanto, tiveram a gravidade desta que paralizou de 1861 a 1865 a industria do algodão.

Em 1861, quando eclodiu a Guerra de Secessão os Estados Unidos eram a principal fonte de abastecimento das fábricas que teciam o algodão; só elles produziam mais de três quartos dos tecidos de algodão fabricados no mundo. O bloqueio do litoral sulista, a decisão dos Confederados de só entregar o seu algodão aos países que reconheciam o seu govêrno, privaram as praças manufatureiras da Europa da preciosa fibra. Durante atingidos pela "fome do algodão", muitos fabricantes cessaram de trabalhar; outros diminuíram consideravelmente o ritmo de seu trabalho. Milhares de operários ficaram total ou parcialmente sem emprêgo.

O Autor, que centralizou o seu estudo em Gand, mostra como a situação foi piorando gradativamente nesse grande centro manufatureiro, a medida que se intensificava o conflito americano. A redução das importações de algodão, a alta vertiginosa dos preços da matéria prima, a venda a vil preço do fabricado, são minuciosamente analisados, da mesma maneira que o comportamento dos fabricantes. Uma grande atenção foi prestada à especulação — tanto dos nego-

ciantes como a dos industriais — aumentaram extraordinariamente os preços e tornou os mercados instáveis.

As repercussões sociais da “fome do algodão” não foram negligenciadas. A miséria das famílias obreiras envolvidas pelo desemprego é profunda. Diferentes medidas foram postas em execução para remediar a situação. Graves desordens sociais são evitadas.

O trabalho repousa sobre abundante documentação inédita. Documentos conservados no *Stadsarchief* de Gand foram compulsados, assim como numerosos maços de papéis relacionados com a crise, conservados no Ministério dos Assuntos Estrangeiros e nos Arquivos Gerais do Reino. O exame minucioso de todos esses arquivos, o estudo dos jornais, a leitura de numerosos livros de ordem geral e particular, permitiram a esse jovem historiador apresentar um volume cativante e que se lê com prazer. Gráficos bem executados facilitam a compreensão do texto de um bom tamanho.

A obra de Hubert Galle interessará não somente os historiadores, mas todos aqueles que desejam conhecer e compreender os problemas econômicos, financeiros e sociais contemporâneos.

E. S. P.

\*  
\*      \*

ERRATA DA REVISTA DE HISTÓRIA — nº 74.

	<i>onde se lê</i>	<i>leia-se</i>
pág. 438		
linhas 20 e 32	roça	roca
pág. 439		
linha 1	roça	roca
pág. 438		
última linha	inconografia	iconografia
pág. 438		
nota nº 7	Etátuas	Estátuas
pág. 441		
linha 16	lagrimais	lacrimais
pág. 443		
linha 41	às plásticas	às artes plásticas
pág. 444		
linha 5	insipadora	inspiradora